

## Conto: Gato Preto em Céu Azul

De: Maximus Bragança

Porque numa tarde como aquela  
Ele desperdiçou a última chance  
Ao trair alguém que o esperava na janela  
E apostou todas as fichas no lance

Porque não era nenhum jogo perfeito  
Nem céu azul nem gato preto  
Era algo mesmo assim transcendental  
Aquele olhar, aquele toque sobrenatural

E mesmo assim os dois caras sorriram  
Havia a arte em jogo e a estranha mulher  
Pensaram em não perder um minuto sequer

Mas o desenlace foi tipo destino malvado  
Mais inusitado do que esperavam  
Um sopro, um adeus num ritmo desencontrado

(Gato preto em céu azul - poema de Moisés Neto)

Pais e filhos entrando. Um zunido infantil enchia aquele mundo colorido. Entre a bilheteria e a porta transparente dos sonhos estava Adamastor esperando ansiosamente um desconhecido. Até então os dois só se falavam por telefones. Ele queria publicar o seu livro e para isso precisava da orientação de alguém. Patrício entrou, passou por Adamastor e perceptivelmente não o notou.

- Diogo?
- Não. Adamastor.
- Prazer. Eu sou o Patrício.
- O prazer é meu.
- Vamos até aquele banco no jardim. Eu te vi andando de lá pra cá e deduzi que só podia ser você.

Rascunhos nas mãos. A experiência e a novidade vão dialogando. Interrupções. Mas a cada retorno um novo e contínuo gênesis. Adamastor redesenhava-se. Incentivo. Sinceridade. As mãos se encontram registrando na memória e no filme o que havia acontecido naquela manhã de domingo. Adamastor vai embora. Havia conseguido. Tudo o que havia ouvido naquele inédito contato pessoal com Patrício mostrou-lhe que o primeiro passo pelo caminho das letras fora dado com sucesso.

Dúvidas previstas. E-mails foram e vieram. O outro em seu apartamento pensava em Adamastor e naquilo que fez com que os dois se encontrassem: “Ele tem um bom tema nas mãos”. Distraiu-se um pouco com o céu, e com o mar, e com os astros antes de começar a manobrar os seus vinte e quatro guerreiros. Uma solidão voluntária, mas não almejada era a sua companheira. Muitos amores e nem um amor no momento.

Os dias transcorriam. Patrício e Adamastor se comunicavam cada vez mais. Eram apenas palavras que queriam dizer e ouvir. O mundo da arte permite que se usem máscaras – uma espécie de transubstanciação pessoal.

Encontro no restaurante. Romance quase pronto. O outro decididamente resolver ajudá-lo. Por quê? Será que algum dos dois sabia a resposta? “Qual seria a sua motivação? Interesse desinteressado em ajudar um novo escritor ou há outra coisa por trás? O assunto do livro? Dileção?

Identificação? Talvez” – pensava Adamastor até ser interrompido por Patrício. As chuvas do inverno tinham ido embora. A luz forte incidia sobre o Recife alucinando os transeuntes. No envelope, o outro trouxera algumas fotos. Ele estava demonstrando sofrer muito. Nos pratos e bebidas, entre goles e garfadas um telefonema. Era uma atriz reclamando da vida. Patrício imediatamente a consolou e aconselhou a não dar muita atenção a concursos.

- E o meu livro? Perguntou Adamastor.
- O que é que tem o seu livro. É apenas mais um no meio de tantos outros livros – disse o outro em palavras nuas e cruas.

O almoço já havia acabado. Saíram do restaurante, decidiram ir pela rua da Imperatriz – porque não passava carros por lá -, margearam o rio Capibaribe e chegaram numa loja na praça Machado de Assis. O outro resolveu alguns problemas com fotografias. Ele não estava bem. Voltaram pela Imperatriz, cruzaram a Maciel Pinheiro – a índia e os leões da fonte jorravam freneticamente entre os recifenses e sabe Deus mais quem. Falaram dos judeus e da casa onde Clarice Lispector passara sua infância, que era logo ali. Eles foram até o Pátio de Santa Cruz. Olharam as locações do filme *Lisbela e o Prisioneiro*, contemplaram o quadro de Santa Isabel (azulejos de colorido forte) na padaria Santa Cruz, entraram no mercado enquanto o sol se punha e se acomodaram num lugar comum. Uma vez ali, entre goles e palavras, eles tentaram se conhecer melhor. Mais uma conquista para Adamastor. Sorrisos e silêncio.

O crepúsculo vespertino chegava ao fim. Resolveram que deviam ir. Para onde? Não sabiam. Adamastor se sentia bem ao lado do outro. Eles são um só. Pois Patrício se vê em Adamastor, um jovem igual a ele, com as mesmas idéias que tinha na juventude. Tudo era uma coisa só, isto é, escritores. Porém, algumas indagações atormentavam o outro: “Quem é esse Adamastor que está conversando comigo? Eu não o conheço, não sei realmente quem ele é, a não ser por aquilo que quis me dizer. Ajudá-lo, por quê? O que ele está significando para mim? A posição de um discípulo, um amigo, um confidente ou por ele mesmo?” Não vieram respostas e sim despedida.

Celular na mão. Adamastor pára e pressiona duas teclas.

- Alô, Dona Raquel?
- Diga, Alexandre.
- Eu consegui. Ele já está confiando em mim. Mais alguns encontros e pronto.
- Quando será o próximo encontro?
- Domingo à tarde.
- Ótimo! Então podes vir aqui amanhã às 15h pegar os últimos capítulos.
- Confirmado, Dona Raquel: às três horas.

Obra completa. Adamastor se espantou. Iria ao apartamento de Patrício. Não imaginava que seria tão rápido, apesar de estar esperando por isso. Ponteiros alinhados horizontalmente. A visita chega e infiltra-se na intimidade do outro. Quadros na parede. E o quadro ostentado. Sentaram-se como profissionais e discutiram sobre o futuro de *As Lágrimas do Amor*. Dicas e segredos confessados.

- Não sei se é porque você me mostrou o seu trabalho, mas acho que posso confiar em você. Posso?
- Eu confio em você. E já existe uma afeição entre nós. Fazemos parte da Literatura.
- E se você for um espião?
- Então seremos cúmplices.
- Qual é o nome desse quadro?
- Céu Azul.
- Ele é magnífico. Não sei se é céu ou mar.

- Também percebi isso quando o vi pela primeira vez. Quando não quero olhar para a arte imitando a vida, olho para ele e vejo a vida imitando a arte. Eu me vejo nele.

Cartas no chão e penumbra na sala. Adamastor conheceu Patrício. E depois teve a chance que precisava. Patrício pediu que ele fosse comprar algo de diferente para que eles pudessem comer. Deu-lhe a chave do apartamento. Minutos demais, conversa, comida e minutos finais. Sempre no mesmo lugar, eles se distanciaram. Adamastor e o outro eram duas realidades separadas pela natureza que se encontravam onde os dois não podem ser, pensamento e olhares num único horizonte.

- Jonatas?
- E aí, o que mandas, Gustavo?
- As encomendas já estão prontas?
- Completas. Só esperando por você.
- Estou indo aí pegá-las.

É chegada a hora. Gustavo foi ao apartamento de Patrício e, como não poderia entrar sendo o Adamastor, esperou instante para executar o seu plano. Passaram-se dezoito minutos – foi quando duas garotas e uma senhora pisaram nos primeiros degraus do edifício. E estrategicamente, ele instiga um diálogo de informação, enquanto entra no elevador e chega no apartamento do outro como alguém enviado por ele. Instrumento de trabalho nas mãos. Obra de arte na mesa. Telas trocadas. Missão cumprida. Comunicação feita e encontros. Raquel entregou a Alex o pagamento pelo seu trabalho. Porém, Gustavo ainda esperava por outra recompensa.

- Posso confiar mesmo em você?
- Sou para ti o que és para mim. Uma reciprocidade.
- Adamastor, eu ainda não tive coragem de contar isso para ninguém. Estou numa fase em que toda uma vida e todo um trabalho serão engolidos por isso que cresce em mim...
- Pode falar, Patrício.
- Adamastor, a minha vida era maravilhosa. Já viajei, vivi minhas paixões intensamente e agora estou aqui falando com alguém que mal conheço. É melhor falar certas coisas para um desconhecido, já que se corre o risco de nunca mais voltar a vê-lo.
- Eu já disse, Patrício, você pode confiar em mim.
- Eu tenho aneurisma cerebral.

Silêncio. Tensão. Compaixão.

- Adamastor, eu não agüento mais uma traição. Eu me abri com você e agora, antes do fim, quero colocar pra fora tudo o que não pude, não posso ou não consegui dizer para os meus melhores amigos.

Arrependimento. Gustavo e Adamastor viram que na ficção da vida a morte era real. Entretanto, a razão que o motivou ainda subsistia. Adamastor daria ao outro o dom vital do Céu Azul, restando para Alexandre a degustação da ignorância de Raquel – que achava ter tirado do ex-marido o presente mais valioso que lhe dera, além de pagar para ser enganada em dobro (o livro que Adamastor apresentou para Patrício não foi o que ela escrevera).

Jogo perigoso. Alexandre está no apartamento de Patrício. A Bela Vista nas mãos. Adamastor foi restituir o alheio. O outro não se sentia bem. Voltou para casa. E quando abriu a porta do seu recanto. Ele estava lá. Ele quem? Aquele que chegou de mansinho; que conquistou, observou e roubou o peixe. Adamastor, o Gato Preto. Patrício se conteve e o expulsou de seu

território. A arte o tinha traído novamente, isto é, a maldade existente nela. Vida, Literatura e Morte. Melancolia. Decepção. Tormento. Mais angústia. Contagem regressiva. Isolamento. Depressão. Uma idéia:

- Beth...
- Até que enfim deste um sinal de vida.
- ... Ele está aqui. Vem pra cá. Corre.
  
- Olha! Gostou?
- O que foi que você fez com ele, Patrício?
- Te coloquei nele. Não foi o que você fez? E preste atenção na coleira dele. Tem o seu nome. Estraguei o quadro, não foi?
- Mas se você quis assim.
- Não, Adamastor. Isso foi o que você fez com a minha vida. Eu não podia mais olhar para o Céu Azul sem que eu visse um felino da sua cor no primeiro plano da tela. Ah! Outra coisa: você não fez isso por dinheiro, não foi? Tome. Olha aqui mais dinheiro.
- O que é isso, Patrício?!
- É a sua recompensa
- Não faça uma besteira dessas! – disse Alex deixando a prova que o outro queria.

O susto passou e o crime foi quase perfeito. Não houve homicídio. Elizabeth chegou. Alexandro e Adamastor pegos em flagrante. Arma do crime ao lado. Gustavo na prisão. Seria ele inocente? A defesa e as explicações não foram capazes de derrubar uma testemunha e um diário.